



## REVISITANDO GRANDES MOMENTOS DA CIVILIZAÇÃO: DO PALEOLÍTICO AO CONTEXTO CRUZ-ALTENSE

\*<sup>1</sup>Maria Aparecida Santana Camargo and <sup>2</sup>Mariela Camargo Masutti

<sup>1</sup>Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da UNICRUZ/RS. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos (GPEHP) da Universidade de Cruz Alta

<sup>1</sup>Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Mestre em Engenharia Civil e Preservação Ambiental pela UFSM/RS, Professora da UNICRUZ, Cruz Alta, Rio Grande do Sul, Brasil

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 20<sup>th</sup> August, 2019  
Received in revised form  
17<sup>th</sup> September, 2019  
Accepted 10<sup>th</sup> October, 2019  
Published online 30<sup>th</sup> November, 2019

#### Key Words:

Arte. Arquitetura. Consciência Histórica.  
Estética. Urbanismo.

#### \*Corresponding author:

Maria Aparecida Santana Camargo

### ABSTRACT

Esta pesquisa tenta fazer um esboço desde o período paleolítico até o contexto cruz-altense, sendo guiada por um fio condutor que destacou importantes momentos da história da humanidade. Deste modo, o objetivo da presente reflexão é revisitar alguns momentos que são significativos na seara da estética. Para dar maior cientificidade à pesquisa, embasa-se o estudo em clássicos da História da Arte, da Arquitetura e do Urbanismo e, principalmente, no que diz respeito ao contexto cruz-altense, buscando-se referências no Dicionário de Cruz Alta (2011), do historiador Rossano Viero Cavalari. A pesquisa é ilustrada com fotos do acervo das autoras do texto, capturadas durante algumas de suas viagens, sendo uma investigação de cunho qualitativo, com caráter teórico e empírico.

Copyright © 2019, Maria Aparecida Santana Camargo and Mariela Camargo Masutti. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: Maria Aparecida Santana Camargo and Mariela Camargo Masutti. 2019. "Revisitando grandes momentos da civilização: do paleolítico ao contexto cruz-altense", *International Journal of Development Research*, 09, (11), 31787-31792.

### INTRODUCTION

A História da Arte é a ciência que reconstrói todos os acontecimentos que envolvem as expressões humanas, seja por objetivo estético ou comunicativo, seja por razão poética, para expressar ideias ou para registrar acontecimentos. Os estudos envolvendo as artes visuais têm por finalidade classificar cronologicamente os principais eventos ocorridos nessa esfera, subdividindo-os por períodos e analisando suas características e funções em cada um deles. E não somente isso, o estudo de História da Arte faz uma análise crítica, observando as transições entre os períodos e fazendo uma comparação entre essas mudanças com as transformações dos costumes, das crenças, da tecnologia e da sociedade. A influência da arte na história da humanidade é explanada por Baumgart (1994, p. 01-02), como princípio ordenador (a arte) representa um dos meios mais diretos de dominar o caos exterior e interior do homem. Desde a pré-história a atividade artística servia à interpretação do mundo e do homem no mundo.

O primeiro legado da humanidade depois das ferramentas mais simples, antes que houvesse arquitetura, música, literatura, foram pinturas e esculturas.

### MATERIAIS E MÉTODOS

O objetivo da presente reflexão é revisitar alguns momentos que são significativos na seara da estética. Para dar maior cientificidade à pesquisa, embasa-se o estudo em clássicos da História da Arte, da Arquitetura e do Urbanismo e, principalmente, no que diz respeito ao contexto cruz-altense, buscando-se referências no Dicionário de Cruz Alta (2011), do historiador Rossano Viero Cavalari. A pesquisa é ilustrada com fotos do acervo das autoras do texto, capturadas durante algumas de suas viagens, sendo uma investigação de cunho qualitativo, com caráter teórico e empírico.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Para iniciar a Reflexão:** Para dar início à reflexão, recorre-se à Pré-História, um dos períodos mais fascinantes e intrigantes

da história da civilização humana. Por se tratar justamente do período que antecedeu a escrita, os estudiosos tiveram que analisar este espaço de tempo através de outras estratégias arqueológicas. No Paleolítico, entre 40.000 e 10.000 anos a.C., os desenhos pictóricos encontrados nas cavernas apresentam características naturalistas, onde os animais e figuras eram representados a partir da perspectiva fiel daquele que os observava (Magalhães, 2005). Acredita-se que, nesse período, a arte tinha uma função mágica para aqueles que a praticavam. A maioria dos desenhos era de bisões e outros animais de caça feridos, sendo que a crença era de que fosse possível possuir o animal real desde que uma vez representado capturado em desenho. Além disso, os homens da Idade da Pedra Lascada também produziram algumas esculturas seguindo as próprias curvas naturais das rochas. Entretanto, tanto na pintura quanto na escultura, não se encontram registros de figuras masculinas. Dentro desse raciocínio Baumgart (1994, p. 06) expõe quando existem representações humanas entre as pinturas rupestres mais antigas. Por outro lado, ocasionalmente se encontra a escultura em rocha de uma figura feminina nua, para qual eram aproveitados os abaulamentos e protuberâncias naturais da pedra. Aqui se torna ativa a ideia da magia da fertilidade, a segunda função mais importante da vida humana depois da alimentação. Isto é, a arte fundamentava o desejo e a necessidade, como uma crença, um ritual, uma oração. A arte era feita, talvez, como uma oferenda à fertilidade e à abundância, representando as mais primitivas necessidades humanas. Com o aprendizado do controle de grupos de animais somados às técnicas desenvolvidas de plantio e de coleta, o homem pré-histórico deixou de ser nômade, passando a constituir família e pequenos vilarejos. Iniciava-se o Neolítico, ou Idade da Pedra Polida, que ocorreu entre 10.000 e 5.000 anos a.C. A partir daí, vieram novos ofícios como a cerâmica, a tecelagem de panos e, por que não afirmar, a arquitetura. Sendo assim, as temáticas de suas obras também mudaram, passando a retratar cenas do cotidiano coletivo. As pinturas e as esculturas nunca foram deixadas de lado, mas agora, sem necessitar restringir suas energias apenas ao ofício de caçar, o homem passou a desenvolver seus sentidos, sua capacidade de pensar, sua sensibilidade e sua preocupação com o esteticamente agradável. O domínio do fogo trouxe a habilidade para trabalhar com metais. Assim surgia o último período pré-histórico: A Idade dos Metais, aproximadamente 5.000 a 3.500 a.C. Aqui, registram-se obras e utensílios de bronze, cobre e ferro. Desse período também datam as primeiras obras tidas como arquitetônicas: as obras megalíticas. O principal exemplo dessa cultura é o santuário circular *Stonehenge*, localizado em uma planície da cidade de *Salisbury*, no sul da Inglaterra. O monumento é um dos grandes mistérios da humanidade, uma vez que existem muitas questões ainda não explicadas acerca de sua construção. Análises apontam que algumas das pedras são provenientes de um local afastado cerca de trinta quilômetros de distância de *Stonehenge*. Mas o que desafia os historiadores é a maneira como as pedras teriam sido transportadas até o local, sendo que as maiores chegam a pesar de vinte e cinco até trinta toneladas. Até hoje não se sabe exatamente o motivo pelo qual foi construído, mas acredita-se que esteja relacionado com estudos astronômicos, mágicos e até religiosos.

### Atravessando a Antiguidade

A Idade Antiga teve início a partir de cerca de 3.500 a. C., com a invenção da escrita cuneiforme pelos povos mesopotâmicos. Esses povos, que viviam entre os rios Tigre e Eufrates, no

território que hoje corresponde à Síria e ao Iraque, foram os primeiros a introduzir elementos como tijolo, vergas, arcos e abóbadas na arquitetura. Entretanto, é no Egito Antigo, na região do crescente fértil às margens do rio Nilo, que surge uma das principais civilizações do período. De 4.000 a 1.000 anos a.C., os egípcios já mostravam uma complexa organização social, além de avanços nos meios da arquitetura, da pintura, da escultura e das ciências. Mas o aspecto mais relevante nessa cultura, é que a sociedade do povo egípcio girava em torno das crenças religiosas, dos deuses e da vida após a morte. Assim, pode-se dizer que toda sua vasta produção artística e arquitetônica baseou-se em obras mortuárias e toda a monumentalidade que exigiam.



Fonte: Acervo das Autoras, 2018

**Figura 1. Santuário de *Stonehenge*, na Inglaterra**

As características que o povo do Nilo buscava na arquitetura eram: solidez, durabilidade, sentimento de eternidade, mistério e, sobretudo, impenetrabilidade. E, de fato, as pirâmides do deserto de Gizé, suas obras arquitetônicas mais famosas, contemplam todos esses critérios. No âmbito da escultura, buscavam dar proporções de imponência aos deuses, mesmo que para isso fosse preciso distorcer suas proporções. Também se consagraram na arte do alto e baixo relevo. No tocante à pintura, retratavam deuses, faraós, nobres e por último o povo. As principais características de suas pinturas eram: a ausência das três dimensões, a profundidade ignorada, as cores lisas e o princípio da frontalidade, onde o tronco e os olhos eram retratados de frente, enquanto a cabeça e demais membros eram representados de perfil. Contudo, entre os povos da Antiguidade, foram os gregos (séculos VIII e VII a.C.) que apresentaram uma produção cultural mais livre, buscando uma conceituação intelectual onde predominavam o ritmo, a harmonia e o equilíbrio. Nessa ótica, Martins e Imbroisi (1998) comentam que enquanto a arte egípcia é ligada ao espírito, a arte grega liga-se à inteligência, pois os seus reis não eram deuses, mas seres inteligentes e justos que se dedicavam ao bem-estar do povo. Esta arte volta-se para o gozo da vida presente. Contemplando a natureza, o artista se empolga pela vida e tenta exprimir suas manifestações. Na arquitetura grega, foram os templos que tiveram maior destaque. Sua função não era reunir pessoas em cultos religiosos, mas, sim, proteger as pinturas e esculturas das intempéries, pois eram dedicadas a homenagear os deuses. Além disso, foram mestres na elaboração de uma acústica perfeita em seus teatros. Na Grécia Antiga, imperaram três ordens arquitetônicas: a Ordem Dórica, mais simples e maciça; a Ordem Jônica, que sugeria mais leveza e ornamentação; e a Ordem Coríntia, criada para



enriquecer e trazer luxo à Ordem Jônica. Em resumo, como salienta Baumgart (1994, p. 59), “o espírito da arquitetura grega era caracterizado por uma exatidão que excluía imaginação ousada e audácia, mas associava racionalidade e sensibilidade a uma harmonia cuja beleza e serenidade é única na história”. Da mesma maneira, na estatuária, os gregos foram insuperáveis na perfeição de suas esculturas antropomórficas. Com o passar dos tempos, além da riqueza de detalhes, as obras foram ganhando leveza e movimento. No lugar das esculturas em mármore, simétricas e de peso igualmente distribuído do Período Arcaico, foram surgindo as esculturas em bronze do Período Clássico, fixando movimentos sem o risco de quebra, surgindo o nu feminino. No Período Helenístico, os gregos conseguiram evoluir mais. Imprimiram o Naturalismo, onde as esculturas passaram a expressar sentimentos e emoções como raiva, dor, alegria e tristeza. Também nesse período, passaram a representar cenas com várias figuras em uma mesma peça, perfeitamente esculpidas em todos os ângulos.



Fonte: Acervo das Autoras, 2018

**Figura 2. Partenon, templo construído no séc. V a.C., na Acrópolis de Atenas**

No tocante à Roma, no período antigo, os romanos deram um grande salto na arquitetura. Desenvolveram o sistema de arcos e abóbodas nas construções. Desconhecidos pelos gregos, os arcos permitem uma resistência maior, proporcionando maiores vãos entre colunas. As construções gregas eram repletas de colunas justamente por esse fato, o que limitava muito o espaço. Com o uso de grandes vãos, os romanos puderam criar construções com amplos espaços internos. Por apreciarem lutas entre gladiadores, perceberam que um palco voltado em apenas um lado para a plateia não atingia aos anseios do público. Assim, criaram anfiteatros, como o Coliseu, com um palco central elíptico onde se dava o espetáculo circundado por arquibancadas nas quais estava posta a plateia. Diferente dos gregos, que executavam esculturas nos padrões de beleza e ideal de proporções do corpo humano, a estatuária romana era mais realista, e retratava a figura humana de maneira fiel. Também executaram belíssimas pinturas murais, onde retratavam paisagens emolduradas, dando a sensação de uma falsa janela. Após as primeiras décadas do século III, os povos romanos começaram a enfrentar disputas internas pelo poder, além dos povos bárbaros que insistiam em atacar as fronteiras do domínio. Nesses últimos anos, o Império Romano diminuiu seus interesses pelas artes e voltaram suas atenções para as

batalhas. Assim, começava a decadência do império que, precisamente no ano 476, foi derrubado pela invasão dos povos germânicos. Com a queda do Império Romano do Ocidente, se inicia a Idade Média.



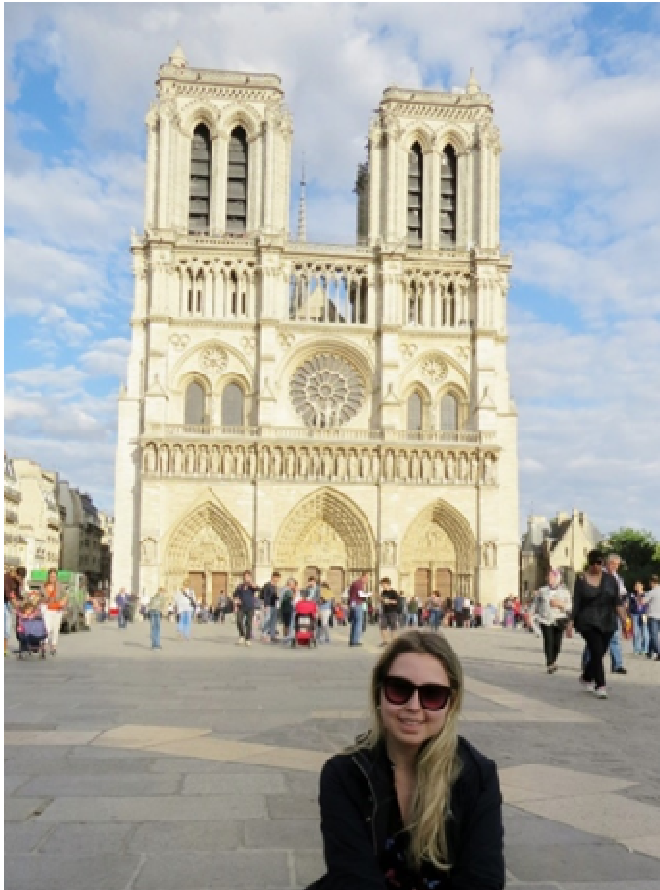
Fonte: Acervo das Autoras, 2015.

**Figura 3. Ruínas do Coliseu, em Roma**

**Perpassando o Período Medieval:** Os princípios da arte na Idade Média eram diferentes daqueles pregados pela arte greco-romana. Sua arte passou a ser decorativista, deixando de retratar a figura humana e dando lugar ao teocentrismo, ou seja, a religião passou a ser o foco principal de sua produção. Com a oficialização do cristianismo, o primeiro período da arte medieval contemplou a arte paleocristã, que era executada puramente pela religiosidade, construindo basílicas e tendo em túmulos suas obras de arte mais importantes. Na sequência, surgiu a Arte Bizantina do Império Romano do Oriente ou Império Bizantino, como ficou conhecido, objetivando expressar a autoridade absoluta do imperador, considerado sagrado, representante de Deus e possuidor de poderes espirituais. Destacam-se os maravilhosos mosaicos criados com temas religiosos. Concomitante a isso, surge a Arte Românica, primeiro estilo internacional que surge após a queda do império romano. Seu objetivo principal também era a exaltação e difusão do cristianismo. Elementos como abóbodas, pilares maciços, paredes grossas e aberturas estreitas marcaram suas construções, que se baseavam em igrejas gigantescas e sólidas, chamadas “fortalezas de Deus”. Por conseguinte, entre os séculos XII e XVI, se desenvolveu a Arte Gótica. Nesse ponto, Cole (2011, p. 200) explica que o arco quebrado, a abóbada de cruzaria e o arcobotante, elementos essenciais da arquitetura gótica, foram usados em construções românicas, mas não conjuntamente. A combinação desses elementos na França de meados do século XII foi o gerador do novo estilo que predominou na Europa pelos 350 anos seguintes. Verticalidade crescente, redução da densidade das paredes e entrada de luz por grandes janelas com vidros trabalhados foram outras características levadas ao extremo durante o desenvolvimento do Gótico.

Com o início de uma economia voltada ao comércio, as pessoas, que antes viviam em campos e mosteiros, começaram a se estabelecer nos centros das cidades, dando início à burguesia urbana. Depois da França, os próximos a desenvolverem um estilo de arte foram a Inglaterra, a Península Ibérica e a Itália. No que tange à escultura, sabe-se que basicamente existia para servir à arquitetura, que por sua vez existia para servir à religião. Sendo assim, as formas se alongavam exageradamente, demonstrando verticalidade e imponentia. Existiu, também, na arte gótica, a Iluminura, que

se tratava de ilustrações em pergaminhos e manuscritos. Já a pintura, desenvolveu-se no século XIV e no início do século XV, quando começou a ganhar características que anunciavam o Renascimento. Eram retratadas figuras humanas realísticas, em temas religiosos, sempre com muita roupa, com olhares voltados ao zênite. A chamada “Idade das Trevas”, que perdurou por quase um milênio, começou a perder força em 1453, com o surgimento do Renascimento e das grandes navegações.



Fonte: Acervo das Autoras, 2015.

**Figura 4. Catedral de Notre-Dame, iniciada em 1160, em Paris, na França Exemplo de Construção do Estilo Gótico**

### Chegando à Idade Moderna

No que concerne à Idade Moderna, esta tem início com o Renascimento, período em que se buscou retomar alguns conceitos da arte greco-romana e, sem dúvidas, produziu grandes avanços nas áreas das artes, literatura e ciências. Agora, o motivo da arte não era mais o teocentrismo e sua exaltação religiosa, mas sim o antropocentrismo, sendo o homem a razão de tudo. Com as grandes navegações os povos europeus conquistaram novas fronteiras, o que os levaram a novas descobertas de caráter científico. O Renascimento provoca na arquitetura um novo conceito de equilíbrio, buscando fugir do verticalismo gótico, os renascentistas pensavam em construções simples e voltadas ao uso pleno do homem. Esse período também marcou o desprendimento da pintura e da escultura em relação à arquitetura, tornando-as independentes. Aqui, as artes tomam um caráter realista e individual, onde os artistas tinham a liberdade de criar e levar a ideia das obras para o lado que quisessem. Nessa época se destacaram Botticelli, Da Vinci, Michelângelo e Rafael. Michelângelo Buonarroti (1475-1564), natural de Florença,

além de ter pintado o teto da Capela Sistina, igualmente fez o projeto da famosa cúpula da Basilica de São Pedro, em Roma. Como consta em Venezia (1996, p. 04 e 18), “foi um mestre em arquitetura, pintura e poesia, mas ele gostava mesmo era de fazer estátuas de pessoas [...] estudou muito para se tornar um bom escultor, e o valor de seu trabalho só apareceu mesmo quando ele foi para Roma. Lá, Michelângelo fez para um rico mecenas uma estátua que impressionava a todos: a Pietá! Essa escultura era tão bela que parecia inacreditável ter sido feita por um artista tão jovem!” Foi quando Michelângelo, então com 24 anos de idade, assinou a obra.



Fonte: Acervo das Autoras, 2015.

**Figura 5. Pietá: Escultura em mármore feita por Michelângelo em 1499 e que se encontra no interior da Catedral de São Pedro, em Roma, na Itália**

Paralelamente ao Renascimento, desenvolveu-se entre 1520 e 1610 o Maneirismo, também considerado um período de transição entre o Renascimento e o Barroco. Esse estilo é caracterizado pela estilização exagerada de elementos, agrupando-os em espaços muito pequenos, mas com uma riqueza impecável de detalhes. Shakespeare, Cervantes, Camões, Palladio e El Greco são alguns nomes que imperaram durante o Maneirismo. Entre o final do século XVI e meados do século XVIII floresceu outro estilo artístico: o Barroco, que se difundiu rapidamente pela Europa e pelo recém descoberto continente americano. A caracterização desse estilo é interpretada por Proença (2003, p. 104) ao referir que, de modo geral, as características da pintura barroca podem ser resumidas em alguns pontos principais. O primeiro é a disposição dos elementos dos quadros, que sempre formam uma composição em diagonal. Além disso, as cenas representadas envolvem-se em acentuado contraste de claro-escuro, o que intensifica a expressão dos sentimentos. Quanto ao assunto, a pintura barroca é realista, mas a realidade que lhe serve de ponto de partida não é só a vida de reis e rainhas de cortes luxuosas, mas também a do povo simples. Em seguida veio o Rococó, estilo que inicialmente possuiu um caráter de decoração de interiores e mobiliário. Da arquitetura, invadiu as artes se firmando como uma corrente iluminista, defendendo a soberania da razão e o retorno à natureza. Suas temáticas eram baseadas em cenas mundanas, eróticas, sensuais, alegres e bizarras. A Idade Moderna tem seu fim com o início da Revolução Francesa, em 1789.

**Rumo à Contemporaneidade:** Em meados do século XIX se lançaram os primeiros ideais que seriam a base da Idade Contemporânea, que perdura até hoje. O fim do absolutismo, a maior liberdade de expressão, a gestão de governos democráticos, a globalização, a Revolução Industrial e os

direitos humanos são apenas alguns dos muitos pilares da nova era. Beckett (1997, p. 331) reforça esse momento de profundas mudanças ao afirmar que a arte do século XX é quase indefinível e, ironicamente, podemos ver aí sua definição. Isso faz sentido porque vivemos num mundo em fluxo constante. Não só a ciência está modificando as formas exteriores de vida, mas também começamos a descobrir a estranha preponderância de nossos desejos e temores. Tudo é completamente novo e inquietante, e a arte tem propensão natural a refletir essa situação. No domínio das artes o primeiro estilo da contemporaneidade foi o Neoclassicismo, onde os conceitos básicos sugeriam a retomada dos conceitos da arte greco-romana. Foi um período de transição. Na sequência os artistas do estilo Romântico começaram a se libertar das convenções academicistas em favor da livre expressão da arte e do artista. Sentimentos de Liberdade, Igualdade e Fraternidade eram constantes nas obras, bem como temáticas nacionalistas e de valorização da natureza, evocando algumas tendências barrocas. Entre 1850 e 1900 surge uma nova tendência: o Realismo. Pelo cenário que a industrialização imprimiu nas cidades, agora a arquitetura não se baseava em templos, em palácios, mas sim, em bibliotecas, fábricas, lojas, escolas, hospitais, moradias, etc. Aqui começam os ensaios fotográficos de cunho essencialmente artístico. As características principais do estilo são o cientificismo, a sobriedade, o detalhamento minucioso e a valorização da realidade. Fechando o século XIX, o Impressionismo veio para revolucionar completamente o universo da pintura e influenciar os outros gêneros artísticos que surgiram a partir do século XX. São características desse estilo pinturas sem contorno definido, valorização do efeito que a luz provoca sobre as cores e contrastes provocados pelo uso das cores complementares. Na concepção de Beckett (1997, p. 294), o impressionismo “nasceu” em 1874, quando o termo foi aplicado a um grupo relativamente diverso de artistas que expuseram no *SalondesRefusés* daquele ano. Muitas das obras tinham aparência comparativamente tosca e inacabada, o que lhes dava uma imediatidade que exasperou os críticos. Embora esses artistas fossem todos individualistas, com ideias e atitudes díspares, estavam unidos no desejo de alcançar maior naturalismo na arte, e suas pinturas revelavam uma luminosidade e um viço novos e surpreendentes. Na sequência, algumas das principais correntes do século XX, pois, a partir daí, surge uma série de estilos artísticos, todos com ideias de romper com padrões e estereótipos. São os movimentos: *Art Nouveau*, Expressionismo, Cubismo, *Fauvismo*, Pontilhismo, Futurismo, Dadaísmo, Surrealismo, Abstracionismo, Funcionalismo, Construtivismo, Informalismo, *Pop Art*, Neorealismo, Arte Pós-Moderna, Videoarte, Minimalismo, Hiper-realismo, Fotorrealismo, Transvanguarda, *Bodyart*, *OpArt*, *Graffiti*, Instalação, entre outros.

#### **Alguns Fragmentos da História da Arte em Cruz Alta/RS:**

Os primeiros dados sobre o movimento artístico-visual em Cruz Alta, aos quais as autoras tiveram acesso, são provenientes das décadas de 1960 e 1970. Nessa época, existia o Clube Cultura Artística, adjunto ao Clube Internacional, Cultural e Recreativo, que consistia em um local para exposições de arte e apresentações culturais. Nas referidas décadas existiu a Escola de Pintura Santa Cecília, da professora Ivone Oliveira, que funcionou concomitante ao Conservatório Musical Santa Cecília, também de sua propriedade. Ainda na década de 1970, teve presença marcante a Escola Técnica Industrial, localizada na Rua Barão do Rio Branco, que ensinava desenho, pintura e artesanato em geral.

As professoras Leila Porciúncula e Sahra Corrêa, dentre outras, juntamente ao professor Eurico Dias da Costa exerceram suas funções nesta casa, ministrando aulas e orientando jovens e senhoras. Igualmente é válido destacar que nas décadas de 1970, 1980 e 1990, teve forte atuação no cenário das artes visuais a Escola de Desenho liderada pela professora Thereza Gomes Gruber (1922-1999), formada em Escultura pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/RS), a qual foi responsável pela qualificação de vários artistas locais. Com sua escola de arte, Dona Thereza, como era conhecida, incentivou muitos artistas a ingressarem no universo da pintura, do desenho e da escultura. A partir dos anos 1980 surgiu um movimento dos artistas plásticos de Cruz Alta, que se mobilizou e reivindicou ao Poder Público uma Casa de Cultura, um espaço permanente onde pudessem discutir, produzir, estudar e expor obras de arte. Então a Prefeitura Municipal alugou um antigo casarão situado na Rua Pinheiro Machado quando, durante alguns anos, funcionou a primeira Casa de Cultura de Cruz Alta. Contudo, mediante a deterioração do prédio devido à idade do mesmo, a Prefeitura alugou outro espaço, na esquina da Rua Duque de Caxias com a Rua Barão do Rio Branco, funcionando por três anos uma Casa de Cultura, onde artistas locais e regionais se encontravam e expunham obras, inclusive por ocasião das edições da *Coxilha Nativista*. Nesse local também funcionou durante um ano o *Ateliê Livre* da Prefeitura, um espaço de estudo voltado a duas turmas, uma de adultos e uma destinada ao público infantil, propiciando a produção e exposição de desenhos e pinturas. O hábito dos *vernissages* era bastante cultivado pelos organizadores nos dias das inaugurações de *Mostras*, *Coletivas* e *Individuais*, e a comunidade cruz-altense frequentava e prestigiava esses encontros.

Durante esse período em que a Prefeitura alugou locais para acomodar os artistas e entusiastas da arte, era construída, na Avenida General Osório, a nova sede da Casa de Cultura. Inaugurada em setembro de 1987, no governo do então Prefeito José Westphalen Corrêa (1927-2011), o prédio oficial foi denominado Casa de Cultura Justino Martins, em homenagem ao jornalista cruz-altense de mesmo nome. De acordo com a pesquisa de Cavaliari (2011, p. 226), Justino Martins (1917-1983) umleitor voraz de obras de autores e gêneros variados, não demorou para assumir a direção da *Revista do Globo*. Sua ascensão na empresa foi rápida, tornando-se correspondente na Europa da Editora Globo e *Jornal Correio da Manhã* do Rio de Janeiro. Residiu em Paris por vinte anos. Já na Bloch Editores, criou e modernizou revistas, como *Ele&Ela*, *Desfile* e *Fatos&Fotos*. Aficionado por cinema, comentou o *Festival de Cannes* desde seu início em 1947. Falava várias línguas e tinha uma visão global para as coisas jornalísticas, sendo reconhecidamente um dos jornalistas mais bem conceituados do contexto mundial de então. Foi assim que, desde o início da década de 1980, formou-se um grupo de pintores, desenhistas e escultores muito atuantes no cenário municipal e regional das artes visuais, cujo nome era “*Nossas Expressões*”. O Grupo expôs em Cruz Alta e em galerias e espaços culturais de todo o Estado, levando suas produções além-fronteiras, participando de exposições até mesmo no *Vestíbulo Nobre* da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no ano de 1988. Nas décadas de 1980 e 1990, algumas galerias independentes também surgiram, tais como a *Galeria de Arte de Branca Schurr* e a *Galeria Arte Presente*, da arquiteta Claudia Otero. Também nos anos 1990, o grupo “*Nossas*



Expressões” começou a se dispersar, reunindo-se, a partir de então, apenas nas exposições anuais da Coxilha Nativista, cuja temática das obras era o Nativismo e que vinham ocorrendo desde a Casa de Cultura situada na Rua Pinheiro Machado.

Não se pode deixar de citar o nome da artista plástica cruz-altense Gioconda de Oliveira (1919-1988), grande incentivadora das artes visuais e tia de Saint Clair de Oliveira Cemin, artista visual e escultor de renome internacional. Gioconda, “em 1958, idealizou o brasão do município de Cruz Alta. Em 1967, mudou-se para Porto Alegre a convite da Secretaria Estadual de Educação, para atuar na capital. Criou e realizou o ‘Trem da Cultura Itinerante’, que percorria o Estado levando cultura e arte a muitas pessoas” (CAVALARI, 2011, p. 259), sendo que, em 1984, o mesmo passou por Cruz Alta.

Por sua vez, o sobrinho Saint Clair, nascido em Cruz Alta, em 1951, estudou na Escola Nacional Superior de Belas Artes em Paris, na França. Das obras mais famosas que se encontram no Brasil, pode-se citar a “Supercuia”, monumento localizado em Porto Alegre/RS, produzido em 2003. Conforme relata Cavalari (2011, p. 346-347), em matéria assinada para o Caderno 2, p. D7, de O Estado de São Paulo (05/03/1997), a crítica Angélica Moraes assinala: “Sedutoras desde o primeiro olhar, as esculturas de Saint Clair Cemin alimentam-se tanto na memória de formas arcaicas, quanto na quebra de categorias estanques que caracteriza a contemporaneidade. Nasceu da articulação afinada e criativa de fragmentos de história que podem vir da antiga Mesopotâmia, da Grécia ou mesmo do barroco mineiro”. Mais adiante, Cavalari (2011, p. 346-347) acrescenta que Saint Clair Cemin inverteu os polos do chamado mecanismo consagratório do circuito artístico. Antes de sua obra ser apresentada no Brasil na 22ª Bienal de São Paulo (1994), ele expôs na Documenta de Kassel (1992). Antes de chegar às melhores galerias brasileiras, já tinha conquistado espaços semelhantes na Europa e Estados Unidos. Viveu em Nova York de 1978 a 2007. Atualmente reside em Paris, dividindo seu tempo com a produção artística e o recém adquirido castelo na região de Borgonha, para onde deverá mudar seu atelier. O artista tem obras espalhadas pelas principais cidades do mundo e participou de centenas de exposições individuais e coletivas. Como se pode constatar, Saint Clair é uma referência mundial nas artes e orgulho para os cruz-altenses. No âmbito do cinema, Cruz Alta teve um público expressivo de apreciadores da sétima arte. Desde meados do século XX, existiram três grandes cinemas, todos eram considerados ícones de tecnologia para a época e foram construídos pela tradicional família Espellet, de imigrantes franceses que aqui se estabeleceram no final do século XIX. Foram eles o Cine Rex, onde hoje funciona a Loja Volpato no “Calçadão”; o Cine Ideal, onde hoje é a Galeria Ideal Center com a Loja Vencal Calçados, também na Pinheiro Machado; e o Cine Rio, o maior de todos, com frente para a Rua Barão do Rio Branco e fundos para a Avenida Venâncio Aires. Depois disso, já no início dos anos 2000, com a inauguração do Shopping Erico Verissimo foram estreadas duas salas de cinema no mesmo, que funcionaram por alguns anos e, por falta de público, acabaram encerrando suas atividades. Entre os anos de 2013 e 2014, o cinema do Shopping permaneceu em funcionamento através de uma iniciativa da Câmara de Vereadores. Atualmente a empresa Cult Cinemas assumiu o lugar, que vem ganhando espaço no cenário de opções de lazer e cultura da cidade.

### Considerações finais

Esta pesquisa, a qual tentou fazer um esboço desde o período paleolítico até o contexto cruz-altense, foi guiada por um fio

condutor que destacou importantes momentos da história da humanidade. Por esse motivo, são trazidas aqui as palavras de Baumgart (1994, p. 2) quando este refere que “consciência histórica, atualmente em vias de desaparecimento, não significa retorno ao passado ou nostalgia dele, mas sim esforço pelo conhecimento do que fez de nós o que somos. Sem esta auto compreensão, a ser constantemente renovada, a realização da vida no mundo, na sociedade e em nós mesmos não é possível”. Constata-se, diante do exposto, o quanto o município de Cruz Alta é solo fértil para a criatividade e tem destaque cultural no cenário internacional. Nesse sentido, inúmeros são os artistas e arquitetos cruz-altenses atuantes que mereciam ser destacados no texto. Entretanto, optou-se por citar somente Saint-Clair, para que não se cometesse o deslize de ocultar alguns nomes. Deste modo, a investigação poderá ter continuidade em próximos estudos, fazendo referências não somente a artistas visuais e arquitetos, mas, igualmente, àqueles que atuam em outras searas culturais.

### REFERÊNCIAS

- Baumgart, F 1994. Breve História da Arte. São Paulo: Martins Fontes.
- Beckett, W. 1997. História da Pintura. São Paulo: Ática.
- Bruscato, U. 2013. Fundação Iberê Camargo/Alvaro Siza. Disponível online em <http://www.archdaily.com.br/br/01-2498/fundacao-ibere-camargo-alvaro-siza>.
- Camargo, MAS. 2009. Educação em Arte: desmitificando e ampliando concepções estéticas. Passo Fundo: Ed. da UPF.
- Cavalari, RV. 2011. Dicionário de Cruz Alta: Histórico e Ilustrado. Porto Alegre: Martins Livreiro.
- Cole, E. 2011. História Ilustrada da Arquitetura. São Paulo: PubliFolha.
- Cunha, F e Assis, N. 2010. Museu de Arte de São Paulo, o Trianon-Masp, de Lina Bo Bard. Disponível online em <http://teoriacritica13ufu.wordpress.com/2010/12/21/fer-nanda-cunha-e-nathalia-assis/>.
- Harres, HH. 1982. História da Arte Brasileira. 2. ed. Porto Alegre: Sagra.
- Helman, D. 2013. Escola, Centro Cultural e Educacional / Marjan Hessamfar & Joe Vérons Architectes. Disponível online em <http://worker.nimrod.dyn.archdaily.com.br/01-132575/escola-centro-cultural-e-educacional-marjan-hessamfar-e-joe-verons-architectes>.
- Holanda, M. 2013 Clássicos da Arquitetura: MASP / Lina Bo Bardi. Disponível online em <http://www.archdaily.com.br/br/01-59480/classicos-da-arquitetura-masp-lina-bo-bardi>.
- Kiefer, F. 2009. Fundação Iberê Camargo – Linhas que se Cruzam. Disponível online em [http://mdc.arq.br/2010/12/07/fundacao-ibere-camargo-porto-alegre-rs/#\\_ftn5](http://mdc.arq.br/2010/12/07/fundacao-ibere-camargo-porto-alegre-rs/#_ftn5).
- Magalhães, RC 2005. O Grande Livro da Arte. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Martins, SR e Imbroisi, MH 1998. Linha do Tempo. Disponível online em <http://www.historiadaarte.com.br/linhadotempo.html>.
- Proença, MG V. 2003. História da Arte. São Paulo: Ática.
- Schettert, IS. 1993. Cruz Alta em Poemas: Como Surgiu e Evoluiu. Cruz Alta: Palloti.
- Veneza, M. 1996. Michelângelo. São Paulo: Moderna. (Coleção Desafios; Série Mestres das Artes).